

CARTOGRAFIAS DA DESCUIABANIZAÇÃO DA POLÍTICA MATO-GROSSENSE NO FINAL DO SÉCULO XX

CARTOGRAPHIES OF DESCUIABANIZAÇÃO
OF MATO GROSSO POLITICS IN THE LATE
TWENTIETH CENTURY

Vinicius de Carvalho Araújo¹

RESUMO: Este artigo trata da perda do comando político mato-grossense pelas elites domiciliadas na sua capital, chamado de descuiabanação. Para tanto, em primeiro lugar busca-se compreender as principais mudanças sociais, econômicas, demográficas e eleitorais experimentadas por Mato Grosso após a divisão, em 1979. Num segundo momento é feita uma análise do modelo político mato-grossense vigente nas décadas de 1980 e 1990, com destaque para os principais grupos que protagonizavam as disputas. O artigo busca demonstrar que tais grupos eram os mesmos da política estadual, acrescidos de seus aliados no interior do Estado. Na sua terceira parte, o artigo concentra-se em compreender algumas especificidades do campo político cuiabano, como o caráter carismático de suas lideranças e o perfil populista apresentado por elas. Por fim, na quarta parte, é analisada a crise sucessória em Cuiabá no final do período e seus impactos na política estadual, bem como oferece-se uma tentativa de sistematização nas considerações finais.

Palavras-chave: Política. Partidos. Elites Políticas. Mato Grosso. Populismo.

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (2007). Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e Gestor Governamental do Governo do Estado. E-mail: vcaraujo@terra.com.br

ABSTRACT: This article is about the loss of Mato Grosso political command by the elites localized in its capital, so called descuiabanization. For that purpose, it first aims to understand the main social, political and demographic changes lived by Mato Grosso after its division in 1979. Second, it does an analysis of the political model of Mato Grosso in the decades of 1980 and 1990, with emphasis to the main groups that polarized the struggle. The article tries to demonstrate that those groups were the same of the state politics, strengthened by its allies in the countryside. Third, it focuses in the comprehension of some political features of the Cuiabá political field, such as the charismatic character of its leaders and the populist profile shown by them. Fourth, it analyses the succession crisis in Cuiabá at the end of the period and its impacts in state politics, as well as it offers an attempting of organization in the final observations.

Keywords: Politics. Parties. Political elites. Mato Grosso. Charismatic leaderships.

INTRODUÇÃO

O conceito de campo político, apresentado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (2002), deve ser detalhado para fins deste artigo. Para esse autor, as interações humanas são melhor compreendidas pelo conceito de campo. Espaços de convívio, como o social, o religioso, o intelectual, o burocrático e o político, podem ser visualizados não de forma topográfica ou geográfica, mas sim relacional. Seriam compostos por um conjunto de relações entre agentes e instituições, gerando a estrutura de um determinado setor da sociedade.

Os campos apresentam algumas características, como o monopólio dos profissionais, a acumulação de capital social ou cultural, o *habitus* e o poder simbólico. O capital social é definido como o conjunto de recursos ligados a uma rede durável de relações no interior do campo, influenciado pelo interconhecimento e a vinculação a grupos, com o cultural, representando as regras do jogo. Já o *habitus* significa o sistema de disposições que condicionam os modos de pensar, agir, fazer e perceber, promovendo a interiorização das sociedades nos indivíduos e a mediação entre estrutura e ação. Por fim, o poder simbólico determina a distinção social entre as pessoas envolvidas e as posições de cada agente e instituição.

No caso específico do campo político, Bourdieu (2002) aponta que devemos observar os determinantes econômicos e sociais da divisão de trabalho político. Quer dizer, para analisarmos a cartografia do campo político de qualquer sociedade, num momento da história,

será preciso identificar primeiro as suas estruturas econômicas e sociais. O campo tende também a se dividir em polos, como situação x oposição, direita x esquerda ou pelos partidos, adotando uma estrutura diádica ou triádica.

Portanto, para compreender o funcionamento de um campo específico é imperativo mapear as posições ocupadas por aqueles que produzem, utilizam e reproduzem um determinado *habitus*, e suas relações entre si. Vale lembrar ainda que a divisão do trabalho político varia em função do volume de capital acumulado e da forma de sua distribuição na sociedade em análise.

Baseado neste corpo teórico e metodológico foi possível organizar o artigo pelas diferentes partes do campo político mato-grossense. Na primeira, serão descritas as principais mudanças socioeconômicas e demográficas experimentadas por Mato Grosso nas últimas décadas do século XX e começo do XXI, em busca das determinantes da divisão do trabalho político, citadas por Bourdieu. Em seguida, passa-se, na segunda parte, para a análise do campo político mato-grossense, baseado em seus mais importantes partidos, grupos e nas suas relações. Na terceira, aborda-se o populismo em Cuiabá, como uma das mais importantes regras do jogo (capital cultural). Ao final, observa-se a dinâmica político-partidária em Cuiabá, com destaque a crise sucessória, que acabou vitimando a capital de Mato Grosso em âmbito local estadual.

MUDANÇAS SOCIOECONÔMICAS E DEMOGRÁFICAS EM MATO GROSSO NO PÓS-DIVISÃO (1978-2010)

Mato Grosso foi uma das unidades da federação que mais mudou no Brasil desde 1979, quando ocorreu a sua mais recente divisão territorial. Em termos demográficos, foi o Estado que mais cresceu entre os censos de 1980 e 2010, saindo, de cerca de 1,138 milhões de habitantes, para pouco mais de 3 milhões atuais (aumento de 166,5%). Os únicos que superaram Mato Grosso nesse item foram Roraima, Amapá e Rondônia. Além de partirem de uma base populacional menor, todos eles eram territórios federais, em 1980, sendo convertidos em Estados ao longo daquela década.

Quando são observados os dados relativos ao Produto Interno Bruto (PIB), Mato Grosso, mais uma vez, se destacou. Foi o Estado que apresentou maior crescimento, com quase 500% em termos reais, de 1980 a 2008². Vale salientar também a mudança no perfil

2 Dados disponíveis em www.ipeadata.gov.br.

da economia estadual, que ainda apresentava forte peso de atividades extrativistas no começo do período, como extração de madeira e garimpo, e agora avança no sentido da agroindustrialização e da integração na economia internacional.

Quando são analisados os dados de Cuiabá, também é possível observar grandes variações. A população saiu de 212.984, em 1980, para 556.298, em 2010, de acordo com o IBGE. É um crescimento de 161%, próximo daquele apresentado pelo Estado no mesmo período. No caso de Várzea Grande, a evolução fica ainda mais acentuada. O município vizinho saltou de cerca de 75.000 habitantes, em 1980, para em torno de 260.000, em 2010, numa variação de 235%. Este fenômeno acompanha uma tendência anterior, do crescimento de Cuiabá acontecer “via” Várzea Grande.

Os dados da participação do PIB de Cuiabá, no estadual, também demonstram uma oscilação significativa. Esta relação saiu de 35,79%, em 1996, para 17,13%, em 2009. Ainda que possam ser feitas observações sobre os aspectos qualitativos do PIB, é notório que Cuiabá apresenta relativa estagnação econômica em face do crescimento mais acelerado do interior. Entre 1996 e 2009, o PIB de Cuiabá, em termos reais (descontada a inflação), variou de 39,45%, enquanto que o estadual saltou para 169%; o de Várzea Grande 66,95%, o de Rondonópolis 184,88%, o de Sorriso 205,64%, o de Lucas do Rio Verde 255,66% e o de Sinop 111,94%, no mesmo intervalo. Portanto, fica claro que aconteceu uma descentralização econômica no Estado, com o crescimento sendo puxado pelo interior.

Um dado que impressiona e ajuda a compreender as mudanças desse período é o salto na produção de soja. Entre 1996 e 2010, a produção de soja aumentou 273,3%, quase quadruplicando, de cerca de 5 milhões, para em torno de 18 milhões de toneladas³. Na esteira desse crescimento, o Estado passou de apenas 4 cidades, com cerca de 50.000 ou mais, em 1980, para 10, segundo o Censo de 2010. O período da explosão de crescimento da soja coincide com a chegada ao poder estadual de sojicultores, como Blairo Maggi e Otaviano Pivetta, apresentando-se como representantes da nova elite econômica e política no Estado.

Na área social também houve avanços significativos, uma vez que o Índice de Desenvolvimento Humano, calculado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas (PNUD/ONU), oscilou de 0,396, em 1970, para 0,796, em 2010.

3 Idem.

A composição socioeconômica e demográfica de Mato Grosso logo após a sua divisão ajuda a explicar a mudança na dinâmica política. A maior parte do eleitorado residia em Cuiabá, em seus municípios vizinhos ou numa área ocupada pelo que muitos autores regionais já chamaram de “cuiabania”. Sem pretensão de discutir a fundo o conceito, lembro que a cuiabania é composta por aqueles municípios com forte influência social, econômica, humana e cultural dos habitantes mais antigos do Estado, baseados em Cuiabá. Para ilustrar, basta dizer que, em 1978, a distribuição do eleitorado pelas grandes regiões do Estado recém-dividido era a seguinte, em números arredondados: Cuiabá e entorno, com 42%, o sul, com 22%, a grande Cáceres e o Médio Norte, com 13% cada, o Araguaia, com 9%, e o norte com 1,5%. O peso de Cuiabá era, portanto, muito elevado⁴.

Dessa forma, foi mantido o modelo que já vinha do período do “velho Mato Grosso” inteiro, valendo naquela época apenas para a sua região norte. Cuiabá era a capital de todo o Estado, mas ficava com parte das funções administrativas, enquanto Campo Grande assumia o papel de principal centro econômico e, por conseguinte, político. A disputa entre norte e sul do Mato Grosso inteiro era fortemente polarizada pelas “duas capitais”, ao ponto dos sulistas se referirem a todos os habitantes, do que eles chamavam de centro ou norte, como “cuiabanos”⁵. Cuiabá exercia o papel de coordenação política entre os municípios do norte, por sua posição bem centralizada na região e a tradição política acumulada desde os primórdios da colonização. Uma prova disso é que grupos do interior viam a divisão com melhores olhos do que os cuiabanos⁶.

Após a criação de Mato Grosso do Sul, Cuiabá perdeu seu adversário na política estadual e manteve as funções exercidas no sistema político pré-divisão, só que desta vez voltada mais para dentro. Ao longo das décadas de 1980 e 1990, a capital deixou de ser seu centro quase exclusivo, já que a interiorização mudou a fisionomia social, econômica e política de Mato Grosso. A região norte do Estado remanescente, que em 1978 contava com apenas 2 municípios (Porto dos Gaúchos e Aripuanã), passou a contar com 34, em 2010. Para

4 Dados disponíveis em www.tse.gov.br.

5 ENTREVISTA com Ruben Figueiró. Campo Grande, 29/09/2006.

6 Vale lembrar a posição favorável à divisão de algumas lideranças políticas da Grande Cuiabá, como o deputado estadual Licínio Monteiro e seus “afilhados” Júlio e Jaime Campos, além de Sebastião Carlos Gomes de Carvalho que era de Barra do Garças. Para mais detalhes Araújo, Vinicius de Carvalho. *Paz sob fogo cerrado: três gerações na política de Mato Grosso*. Dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2007.

se ter uma ideia da redistribuição do eleitorado, quero enfatizar os dados de algumas regiões, comparando 2010 com 1978.

O Araguaia, sem Barra do Garças, saiu de 2 municípios para 29, e de cerca de 2% para 7% do eleitorado; o Norte subiu, de 1,5%, para 18%, Cuiabá caiu, de 42%, para 34% e o Médio Norte estabilizou sua participação na faixa de 12/13%⁷. Nesse último caso, houve, porém, forte deslocamento para municípios novos, como Tangará da Serra, Nova Mutum, Lucas do Rio Verde e Sorriso, em detrimento dos mais antigos, como Alto Paraguai, Arenápolis, Diamantino, Nobres e Rosário Oeste. Quer dizer, regiões como o Norte e o Araguaia, que eram praticamente um vazio eleitoral em 1978, reúnem na atualidade em torno de 25% do eleitorado mato-grossense. Junto com o Médio Norte, que hoje tem mais identidade com o norte do que com o sul, chegam a quase 40%, superando o colégio eleitoral da região de Cuiabá.

Portanto, as mudanças experimentadas pelo Estado no período geraram uma diferenciação social, novos centros regionais e cidades-polo pelo interior, setores emergentes na economia e, portanto, uma fragmentação de poder com novas elites empresariais e políticas. Isso inverteu o eixo do Estado para a sua região norte e fortaleceu Rondonópolis como segundo PIB e arrecadação de Mato Grosso, tornando-o muito mais complexo e alterando a sua dinâmica política outrora comandada por Cuiabá.

CARTOGRAFIA DO CAMPO POLÍTICO MATO-GROSSENSE (1980-2010)

Primeiro, é importante reavaliar os principais eventos da política mato-grossense no período. Como Cuiabá tinha a liderança da política estadual, os grupos municipais eram também os principais grupos políticos de todo o Estado, acrescidos dos seus aliados no interior, que “desempataavam” o jogo. Numa situação semelhante ao Rio de Janeiro quando fora a capital federal, a política cuiabana era muito estadualizada, ou, dito de outra forma, a política mato-grossense era muito cuiabanizada⁸. Pode-se conceituar, portanto, que as disputas políticas na Grande Cuiabá tinham uma “dupla camada”, pois valiam para o Estado e o município ao mesmo tempo.

Alguns vetores importantes do campo político carioca eram:

7 MATO GROSSO. Gabinete de Planejamento e Coordenação. *Retrospectiva das eleições em Mato Grosso: de 1945 a 1985*. Cuiabá: Fundação Cândido Rondon, 1988.

8 FREIRE, Américo. O Governador do Estado do Rio de Janeiro. In: Sarmento, Carlos Eduardo. *Chagas Freitas: perfil político*. Rio de Janeiro: EdFGV, 1999.

1. Tensão entre matrizes locais e nacionais, como fator de continuidade na dinâmica político-partidária;
2. Marcado pela nacionalização, polarização e personalização, com dificuldade para rotinização de lideranças carismáticas, como Carlos Lacerda e Leonel Brizola;
3. Excessiva presença do Governo Federal impediu a organização política autônoma dos interesses regionais⁹.
4. Se aplicarmos tais vetores à dinâmica do campo político mato-grossense, chegamos aos seguintes eixos norteadores:
5. predominância do grupo originado no MDB/PMDB nas eleições para a Prefeitura, com mudança nas alianças;
6. oposição ao Governo do Estado;
7. forte dependência do setor público e baixo envolvimento da sociedade civil no processo político;
8. cuiabanização da política mato-grossense, quando esta era quase uma transposição das disputas das elites da Grande Cuiabá, acrescidas dos seus respectivos aliados no interior;
9. populismo, com a presença de alguns de seus traços marcantes, como o personalismo e a despartidarização.

Araújo (2012) apontou que, com a emancipação de Mato Grosso do Sul, em 1979, uma nova elite, com quadros entre 30 e 40 anos, emergiu ao primeiro plano da cena política, graças ao espaço aberto pelas posições antes exercidas pelos sulistas. Personagens, como Dante de Oliveira, Gilson de Barros, Carlos Bezerra, Márcio Lacerda, Júlio Campos, Osvaldo Sobrinho, Bento Porto, Louremberg Nunes Rocha e outros, ocuparam os espaços abertos pela liberação das cadeiras pelos sulistas. Para se ter uma ideia, apenas três deputados estaduais foram reeleitos em 1978 e a toda a bancada federal foi renovada, já que os titulares que optaram por MT concorreram ao Senado Federal.

O autor identificou ainda que, ao longo de cinco, das sete eleições para a prefeitura de Cuiabá pós-redemocratização, foi possível ver três grupos com muita clareza no eleitorado cuiabano e nas próprias elites políticas, cada qual com cerca de 30% dos votos, repetindo-se em nível estadual: o grupo I, originado no MDB e que passou por PMDB, PDT e PSDB, liderado em Cuiabá por Gilson de Barros/Dante de Oliveira e no Estado por Carlos Bezerra/Márcio Lacerda; o grupo II, originado da Arena I, passando por PP, PMDB e PTB, liderado por Roberto França, Rodrigues Palma, Joaquim Sucena, Osvaldo Sobrinho

9 MOTTA, Marly. Autonomia carioca e o município do Rio de Janeiro: os novos termos de uma velha relação. In: MOTTA, Marly; FREIRE, Américo; SARMENTO, Carlos Eduardo. *A política carioca em quatro tempos*. Rio de Janeiro: EdFGV 2004.

e outros; e o grupo III, originado na Arena II, reunido no PDS, PFL e hoje Democratas, encabeçado, em nível estadual, por Jonas Pinheiro, a família Campos e seus aliados, em Cuiabá.

O autor prosseguiu destacando que, em 1982, a eleição para Governador foi entre Padre Raimundo da Conceição Pombo (PMDB) e Júlio José de Campos (PDS). Àquela altura, o PMDB já tinha incorporado o Partido Popular (PP), após as mudanças na legislação eleitoral introduzidas pelo regime civil-militar, em 1981. Padre Pombo contava, portanto, com os grupos I e II no apoio à sua candidatura, com o então deputado federal Louremberg Nunes Rocha como seu candidato a vice-governador, representando o antigo PP. Apesar de toda a força do PMDB, Júlio Campos tinha o apoio do Governo Federal (Presidente João Figueiredo), do então Governador do Estado (Frederico Campos) e das principais prefeituras, já que o MDB elegeu apenas 3 prefeitos em 1976, e Wilmar Perez, de Barra do Garças, passou a ser vice na chapa do PDS.

Júlio Campos foi eleito com cerca de 15.000 votos de diferença no resultado oficial, mas o PMDB obteve uma grande vitória política com a votação do Padre Pombo, da chapa de candidatos ao Senado (José Garcia Neto e Vicente Bezerra Neto) e teve a eleição de Carlos Bezerra para a Prefeitura de Rondonópolis, e seu lançamento como pré-candidato a Governador, em 1986. Como suporte a essa candidatura, surgiu aquilo que Araújo (2012) chamou de “tríplice aliança” formada entre Carlos Bezerra, Márcio Lacerda e Dante de Oliveira, que abrangia a maior parte do eleitorado estadual e vigorou até as eleições de 1998.

Em 1985, na Prefeitura de Cuiabá, o grande embate se deu no interior do PMDB, entre os grupos I e II. Dante de Oliveira representou o grupo I e Rodrigues Palma o grupo II. Após a repercussão da emenda das *Diretas Já*, Dante nacionalizou seu nome e ultrapassou outros quadros com maior expressão em seu próprio grupo ou no PMDB, como Gilson de Barros, Milton Figueiredo ou o Padre Raimundo Pombo. A convenção do PMDB foi um dos marcos do processo político do período, com cerca de 12.000 participantes no Ginásio da UFMT. Para se ter uma ideia, isso representava cerca de 10% do eleitorado de Cuiabá, na época, ou algo em torno de 39.000 pessoas, considerando o eleitorado atual. Dante foi o vencedor e derrotou Gabriel Novis Neves (PDS) na eleição geral, por 62,51% contra 34,71%. Em 1986, Carlos Bezerra foi eleito Governador contra Frederico Campos, e Dante de Oliveira foi nomeado ministro da Reforma Agrária, pelo Presidente Sarney.

As tensões entre os dois grupos acabaram eclodindo durante o Governo Bezerra (1987-1990). Em 1988, o grupo I lançou, na corrida à Prefeitura de Cuiabá, o Coronel José Meirelles (PMDB; o grupo II, o então Presidente da Assembleia Legislativa, Roberto França (PTB); e o grupo III, o ex-prefeito e ex-Governador Frederico Campos. Devido ao racha e ao fato de ainda não vigorar o segundo turno, Frederico Campos acabou sendo eleito, com 38,6% dos votos contra 29,33% de França e 26,9% de Meirelles. Tornou-se, dessa forma, o único representante do grupo III a exercer a Prefeitura naquele período. Na eleição de 1990, o PMDB estava fragilizado em nível estadual e acabou lançando Agripino Bonilha para Governador, contra os ex-filiados Luiz Soares (PSDB) e Luiz Alberto Scaloppe (PT). Jayme Campos acabou sendo eleito com facilidade, contando com o apoio do Grupo III, que indicou o deputado federal Osvaldo Sobrinho para vice-governador.

Em 1992, Dante de Oliveira foi candidato, de novo, a Prefeito da capital, após ser o deputado federal mais bem votado na eleição de 1990. Os grupos I e II estavam novamente reunificados em Cuiabá e a sua candidatura acabou adiando pretensões de outros pré-candidatos, como os deputados estaduais Roberto França e Wilson Santos. Dante venceu a eleição contra Murilo Domingos (PTB), com 68,21% dos votos. Sua boa votação lhe projetou para a eleição a Governador, com o grupo III sem poder lançar o Senador Júlio Campos (inelegível por conta do irmão Governador) e Osvaldo Sobrinho como candidato de Jayme Campos, com parte do grupo II, apoiando Dante de Oliveira¹⁰.

As eleições de 1996 e 2000 mantiveram a aliança entre os grupos I e II em torno de Roberto França, que apoiou as eleições de Dante de Oliveira para Governador do Estado, em 1994 e 1998. As eleições de Wilson Santos (2004 e 2008) já expressaram a reconfiguração do campo político estadual e cuiabano, com o inédito acontecimento de segundo turno e o raro aparecimento de três candidaturas fortes.

Esses grupos alternavam-se na Prefeitura de Cuiabá e no Governo do Estado, com a Arena I servindo de “fiel da balança” nas contendas estaduais. A dinâmica era a seguinte: um grupo ganhava a Prefeitura de Cuiabá como oposição ao outro que exercia o Governo do Estado. Na eleição seguinte para Governador, o grupo que ganhou a Prefeitura estava fortalecido e ganhava também o Governo do Estado. Na próxima eleição municipal, o grupo que perdeu o Governo do

10 DADOS ELEITORAIS DO BRASIL 1982-2004. Disponível em <<http://jaironicolau.iuperj.br>>. Acessado em 18/10/2006.

Estado tornava-se opositor na capital e ganhava a eleição para a Prefeitura, reiniciando o ciclo.

Esta “sistemática da alternância” funcionou bem por cerca de 25 anos. Nas eleições de 1998, uma mudança de regras, vinda do nível federal (reeleição), acabou “embaralhando” as cartas do jogo político e interferindo no cálculo de muitos atores, a exemplo do golpe militar, na eleição de 1965, e a divisão do Estado, em 1978. A reeleição de Dante de Oliveira acabou quebrando a dinâmica de alternância entre os grupos I e III que vinham, desde a redemocratização, com oscilação do grupo II para o lado vencedor. A elite política mato-grossense tradicional “saiu menor” desta eleição e suas tensões acumuladas plantaram as sementes para a virada de ciclo, em 2002.

O Estado teve neste período uma sequência de cinco Governadores “cuiabanos”, no sentido de serem nascidos na capital ou regiões próximas (Frederico Campos, Júlio Campos, Carlos Bezerra, Jayme Campos e Dante de Oliveira). Produziu também cinco eleições, nas quais os deputados estaduais mais votados tinham a mesma característica, quais sejam: Osvaldo Sobrinho (1978), Ary Leite de Campos (1982), Roberto França (1986/1990) e Wilson Santos (1994). O mesmo se deu na Câmara dos Deputados, com os seguintes nomes: Júlio Campos (1978/1986), Bento Porto (1982), Jonas Pinheiro/Dante de Oliveira (1990) e Roberto França (1994).

Entretanto, das eleições de 1998 em diante a realidade foi alterada, com candidatos domiciliados no interior assumindo a dianteira. Naquele ano, a reeleição de Dante de Oliveira quebrou o padrão de alternância entre os principais grupos políticos já mencionados em trabalhos anteriores. Surgiram várias tensões entre e no interior dos grupos. Disputas, como Roberto França x Antero Paes de Barros, no PSDB, Márcio Lacerda x Carlos Bezerra, no PMDB, Júlio x Jayme Campos, no então PFL, e outras, acabaram por enfraquecer em conjunto aqueles que protagonizaram a política estadual por uma geração. A reeleição de Dante de Oliveira adiou a renovação experimentada em outros Estados, em 1998, para as eleições de 2002. Em função da disputa interna do PSDB e da rejeição aos nomes tradicionais, Blairo Maggi despontou como um “*tertius*” mais leve, que acabou ganhando a eleição e encerrando o ciclo político no Estado¹¹.

Em razão deste e de outros fatores, Cuiabá perdeu o comando político de Mato Grosso. Vejamos os presidentes dos diretórios esta-

11 ARAÚJO, Vinicius de Carvalho. “Desconstituição” do campo político cuiabano – Parte IV. Artigo publicado no site *RD News* em 18/06/2012. Disponível em <http://www.rdnews.com.br/blog/post/desconstituicao-do-campo-politico-cuiabano-parte-iv>. Acesso em 16/05/2013.

duais dos principais partidos em 2011, para confirmar tal hipótese. Carlos Bezerra (PMDB), Percival Muniz (PPS) e Wellington Fagundes (PR) têm sua base política em Rondonópolis. Da região norte vinham Nilson Leitão (PSDB) e Dilceu Dal Bosco (Dem), de Sinop, José Riva (PSD),¹² de Juara, e Ságuas Moraes (PT), de Juína. Completavam o quadro Zeca Viana (PDT), de Primavera do Leste, e Pedro Henry (PP), de Cáceres. Sobravam apenas o PSB, com Valtenir Pereira, e o PTB com Chico Galindo, baseados em Cuiabá.

Para resumir, cabe dizer que a política cuiabana e mato-grossense eram profundamente imbricadas no início do período analisado. Quando Mato Grosso deixou de ser uma “Cuiabá ampliada” e mudou sua composição socioeconômica, o campo político cuiabano ficou esvaziado e desarticulado. Acrescente-se a isso a perda de participação de Cuiabá no PIB estadual.

POPULISMO EM CUIABÁ

O populismo pode ser entendido como a adoção de determinadas práticas demagógicas. Dentre elas estão a estratégia de obter poder político apelando aos sentimentos do público, usando temas regionalistas, populistas ou religiosos, além de fazer declarações que não podem ser postas em prática. A Cuiabá daquele período apresentou-se como um território fértil para o discurso populista, uma vez que teve um crescimento demográfico acelerado e desordenado, que forneceu as bases para as lideranças carismáticas que surgiram à época. Tais bases eram compostas por migrantes de outros Estados e do interior de Mato Grosso, em busca de maior participação política num contexto de redemocratização¹³.

O populismo pode ser entendido, também, como uma outra face das lideranças carismáticas que floresceram em Cuiabá, por conta das razões já apontadas. São personagens que priorizavam em seus discursos temas muito mais relativos à política estadual e até nacional, em alguns casos, do que as questões locais. Cito aqui Dante de Oliveira, Padre Raimundo Pombo, Milton Figueiredo, Roberto França, Wil-

12 Na verdade, o Presidente do Diretório Estadual era o vice-governador Chico Daltro. Mas a grande liderança do partido em Mato Grosso é o deputado estadual José Geraldo Riva.

13 Weffort (1980) disse que o populismo só pode ser bem compreendido aos olhos da correlação de forças em classes e suas frações numa determinada situação histórica. É um fenômeno recorrente nas décadas de 1930 e 1940, quando ocorreram mudanças sociais como a industrialização e a migração para os grandes centros urbanos, constituindo um operariado até então muito rarefeito. De outro lado, havia a crise das formas de dominação oligárquicas anteriores a 1930, com apoio de parte das camadas médias urbanas, o que criou o imperativo de incorporar as massas ao processo político de forma subalternizada.

son Santos e Gilson de Barros que encaixaram no perfil, com fortes discursos contra a ditadura militar, a divisão do Estado como um ato de força, as eleições diretas, o combate às chamadas oligarquias ou “forças do atraso”, dentre outros.

Portanto, a hipótese em relação ao populismo é que ele assumiu uma feição autodestrutiva para as lideranças políticas em Cuiabá. O mesmo mecanismo que formava os líderes e pautava a sua carreira política no Legislativo, acabou por vitimá-los, quando no exercício do Poder Executivo. Quer dizer, os líderes articulavam um discurso com traços populistas e faziam carreira no Legislativo municipal, estadual e federal, sempre como campeões de voto. Ao chegarem à Prefeitura, reforçavam a fama desta de “túmulo político”, e saíam menores do que entraram, do ponto de vista eleitoral.

Assim aconteceu com Roberto França e Wilson Santos, com o primeiro alinhando-se com um populismo mais conservador, e o segundo com tendências mais à esquerda, como o apoio aos movimentos sociais e às invasões de bairros. Ambos, uma vez na condição de prefeitos, tiveram dificuldades de tomar algumas decisões que confrontavam a cultura política e as bases que os elegeram. Cito como exemplo a regularização fundiária, o cumprimento de algumas leis mais rigorosas e o incremento da arrecadação de impostos, tarifas públicas e multas.

Portanto, Cuiabá se tornou, no período, uma cidade com muitos problemas e poucos recursos, favorecendo as lideranças com perfil para o Legislativo. A Prefeitura, ao invés de ser um passo importante na carreira política, como em outras capitais, acabou convertendo-se num ponto terminal. Este quadro teve um caráter nocivo em dobro, pois, de um lado, dificultou a formação de lideranças de Cuiabá para a política estadual. De outro, perpetuou este quadro disforme e inorgânico, proporcionando o surgimento de novos líderes com o mesmo perfil, ou então “neófitos”, vindo de fora do meio político, como empresários e agentes da mídia.

Um dos traços mais marcantes do populismo é o personalismo. Quer dizer, o líder tende a manter uma relação direta com a população, independente de organizações mediadoras, como os partidos políticos. No caso de Cuiabá, isso fica bem notório quando são analisados os resultados eleitorais para a Câmara Municipal, desde 1996, quando o partido mais bem votado foi o PDT, do então governador Dante de Oliveira, com 17,82%. Na eleição seguinte (2000), reeleição de Roberto França, o PDT caiu para 1,47% dos votos, e o PSDB assumiu a dianteira, com 18,69%. Em 2004, o PSDB perdeu a 1ª colocação para o PPS, que vinha de inexpressivos 0,74%, em 1996, mas era o

partido de Roberto França, Sérgio Ricardo e do então governador Blairo Maggi. Por fim, em 2008, o PSDB reassumiu a dianteira com a reeleição de Wilson Santos, reunindo 12,57% dos votos, contra 2,17% do PPS, campeão da eleição anterior¹⁴. Os partidos com eleitorado mais estável no período foram: PMDB e PT.

O personalismo acabou gerando alianças instáveis e voláteis. Ao contrário do que possa parecer à primeira vista, tal característica acabou enfraquecendo mais as forças políticas de Cuiabá. As alianças podem ser vistas como uma relação de “todos com todos”, mas, na verdade, é uma “guerra de todos contra todos”, quando uma aliança política é celebrada com o objetivo de se fortalecer e enfraquecer o adversário. Em outras capitais e mesmo no interior, os candidatos percorrem uma carreira política antes de postularem essa posição. A carreira costuma começar como vereador e depois avançar para deputado estadual e, por fim, deputado federal, para postular a prefeitura. Após uma boa passagem pela chefia do Poder Executivo municipal, o político está habilitado a pleitear cargos majoritários estaduais, como Governador ou Senador.

“Disfunções”, como as aconteceram porque o campo político cuiabano foi desconstituído, no início da década passada, e vem enfrentando dificuldade para se reconstituir da forma adequada. A formação de grupos políticos mais estáveis, seu agrupamento em partidos, sua liderança e hierarquia ajudam a organizar o processo político. Dessa maneira, é possível, para eleitor, criar vínculos mais estáveis com as forças políticas, eleger prefeitos com maior força e projetá-los para eleições de nível estadual, após o bom cumprimento de seus respectivos mandatos. Analisemos, portanto, o caso de Cuiabá, para compreender como o processo aconteceu no referido período.

CRISES DE LIDERANÇA EM CUIABÁ

Nessa parte, quero dar maior atenção aos principais grupos da política cuiabana, suas crises sucessórias e a renovação das elites políticas do município. O grupo político liderado por Roberto França, em Cuiabá, começou a se desarticular já nas eleições de 1990. A candidatura de Luiz Soares a Governador, pelo PSDB, e a de Osvaldo Sobrinho, como vice de Jayme Campos, já apontavam um “racha” no grupo naquele momento. A filiação de Roberto França ao PSDB e a disputa Osvaldo Sobrinho x Louremberg Nunes Rocha pela candidatura a Governador, em 1994, acabaram por miná-lo mais ainda.

¹⁴ Dados disponíveis em www.tse.gov.br.

No entanto, Roberto França ainda era uma liderança muito forte, sobretudo em Cuiabá e região, tendo seu nome sido trabalhado como candidato a Senador, em 1994. Entretanto, na sua longa passagem pela Prefeitura de Cuiabá, França acabou perdendo massa política e permitiu o esfacelamento do grupo que até então liderava. Os fatores que mais prejudicaram sua maior projeção estadual foram o racha do grupo original, a dificuldade de entrar no eleitorado do interior e também o seu personalismo. Vale lembrar que o fato de França apresentar várias filiações partidárias ao longo de sua trajetória também dificultou, sobremaneira, a criação de um grupo político mais estável. Vários políticos surgiram em Cuiabá com o seu perfil, como os campeões de voto Walter Rabelo, Sérgio Ricardo, Everton Pop ou Toninho de Souza. No entanto, eles acabaram se articulando a outros grupos, pela ausência de uma forte liderança em Cuiabá.

Dante de Oliveira também teve dificuldade para manter seu grupo político na Capital. No período em que foi Governador notabilizou-se por compor seu secretariado com quadros cuiabanos de pouca expressão política. A oposição chamava isso, na época, dos “amigos de infância” de Dante, que concentravam as principais decisões do Governo¹⁵. Desta forma, Dante de Oliveira não conseguiu formar sucessores à altura de sua liderança na política cuiabana. Na famosa eleição de 2002, foi derrotado, dentre outros aspectos, por ter “envelhecido” politicamente e adotado comportamento oligárquico, ao tentar eleger a si mesmo, sua esposa, irmã, amigos e aliados. Ademais, o crescimento do PT em nível estadual e também em Cuiabá lhe tomou o eleitorado mais progressista, ao demonstrar, com clareza, o atraso de suas práticas em face ao discurso de modernização política e condenação das oligarquias que pautou sua carreira.

Seus sucessores ficaram limitados à sua esposa, Telma de Oliveira, Antero Paes de Barros e Wilson Santos. Os dois primeiros demonstraram muita dependência do líder, não conseguindo vencer eleições após a morte de Dante, em 2006. Vale lembrar que Telma de Oliveira foi eleita ainda pela chapa montada por Dante de Oliveira. Já Wilson Santos conseguiu vencer duas eleições para a Prefeitura de Cuiabá, em grande medida administrando o espólio político deixado por Dante de Oliveira. O PT se apresentou como seu grande adversário em ambas as eleições, confirmando a renovação pela esquerda. Para vencê-lo, tanto em 2004, com Alexandre César, quanto em 2008, com

15 Blairo Maggi diz que interior exige aplicação justa do Fethab. *Jornal O Documento* de 26/07/2002. Disponível em <<http://www.odocumento.com.br/materia.php?id=27060>>. Acessado em 16/05/2013.

Mauro Mendes, cuja candidata a vice-prefeita era do PT (deputada Verinha), Wilson Santos mobilizou as forças políticas e o próprio eleitorado mais conservador. A derrota para Governador, em 2010, acabou deixando, esse grupo, órfão de uma liderança com projeção estadual. O nome que desponta como possível herdeiro do legado é o Senador Pedro Taques¹⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resumo os principais aspectos da reconfiguração do campo político estadual no período da seguinte forma:

1. As transformações socioeconômicas, demográficas e eleitorais em todo o Estado que, por si só, reconfigurariam o seu campo político;
2. Uma crise sucessória e de liderança em Cuiabá, que desorganizou os grupos até então dominantes na política local e estadual.
3. Com a emergência das forças do interior, a política mato-grossense deixou de ser um quase monopólio das forças políticas de Cuiabá e arredores. Em decorrência das mudanças socioeconômicas e demográficas no Estado, surgiu uma nova elite no interior, diferenciada e com poucos vínculos com o tradicionalismo. A eleição de 2002 foi o marco do aparecimento de tais forças na arena política estadual, com a eleição de Blairo Maggi.
4. Como era o padrão antigo, os cuiabanos se aliaram às forças do interior para derrotar o outro grupo. Roberto França e Jayme Campos apoiaram Blairo Maggi, em 2002, na expectativa de derrotar Dante de Oliveira e se fortalecer para futuras eleições estaduais.
5. Ocorre que, com o fortalecimento das forças políticas do interior, o processo mudou. Como tais elites têm maior peso político e econômico, elas acabaram se beneficiando da divisão dos “cuiabanos”, ao contrário do que acontecia antes. Roberto França saiu aparentemente vitorioso das eleições de 2002, após recuar de sua candidatura e “emplacar” sua esposa, Iraci França, como vice-governadora. Tudo sinalizava para novas candidaturas em nível estadual nas eleições seguintes. Entretanto, não foi o que aconteceu. França, que veio de uma eleição a deputado federal, em 1994, com grande votação (108.127

16 ARAÚJO, Vinicius de Carvalho. “Desconstituição” do campo político cuiabano – Parte VI. Artigo publicado no site *RD News* em 09/07/2012. Disponível em <http://www.rdnews.com.br/blog/post/desconstituicao-do-campo-politico-cuiabano-parte-vi>. Acesso em 16/05/2013.

- votos), acabou perdendo massa política e recebendo cerca de 19.500 votos num eleitorado muito maior¹⁷.
6. Dessa forma, as forças políticas de Cuiabá acabaram encontrando dificuldades para ocupar os espaços em nível estadual. As disputas entre cuiabanos, que antes ficavam “impunes” pelas posições disponíveis para ocupação, passaram a ser letais e geraram uma implosão política na Capital e região.
 7. Foi inaugurado, portanto, o padrão em que os Governadores eleitos têm base política no interior e obtêm votações, em Cuiabá, inferiores aos resultados do Estado inteiro. Blairo Maggi teve cerca de 38% dos votos em Cuiabá, na eleição de 2002, contra 50,62% em todo o Estado; na sua reeleição em 2006 foram 55,35% contra 65,39%; e Silval, em 2010, obteve 34,23% dos votos na capital contra 51,21% no total do Estado¹⁸.
 8. Outro aspecto interessante é que as candidaturas interioranas têm se mantido unificadas, enquanto as forças domiciliadas em Cuiabá e região vêm disputando entre si. Assim aconteceu, em 2002, com Antero Paes de Barros (PSDB) x Alexandre César (PT), em 2006, com o mesmo Antero contra Serys (PT) e em 2010, com Wilson Santos (PSDB) contra Mauro Mendes (PSB). Nas eleições para o Senado, o mesmo fenômeno tem sido observado.
 9. Portanto, como a liderança política do Estado, hoje, está no interior, as forças políticas da capital acabam buscando seus líderes, só que numa posição subalterna e de adesão aos projetos políticos deles. Dessa forma, o campo político em Cuiabá foi desorganizado e entre o seu vazio e a dificuldade do interior em produzir novos quadros aqui, a Capital transformou-se na chamada “terra de ninguém”, ou seja, as elites políticas de Cuiabá não perceberam ou não aprenderam a operar no novo modelo político vigente.
 10. Os efeitos de tal desorganização são sentidos em todos os níveis, a começar pela Câmara Municipal, que é a porta de entrada na carreira política. Pela primeira vez, em décadas em 2010, nenhum vereador cuiabano foi eleito deputado estadual.

17 Dados eleitorais disponíveis em Araújo, Vinicius de Carvalho. *Paz sob fogo cerrado: três gerações na política de Mato Grosso*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2007.

18 Dados eleitorais disponíveis em www.tse.gov.br.

REFERÊNCIAS

Livros

ARAÚJO, Vinicius de Carvalho. *Paz sob fogo cerrado*. Cuiabá: EdUFMT, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

FREIRE, Américo. O Governador do Estado do Rio de Janeiro. In: SARMENTO, Carlos Eduardo. *Chagas Freitas: perfil político*. Rio de Janeiro: EdFGV, 1999.

MOTTA, Marly. Autonomia carioca e o município do Rio de Janeiro: os novos termos de uma velha relação. In: MOTTA, Marly. FREIRE, Américo. SARMENTO, Carlos Eduardo. *A política carioca em quatro tempos*. Rio de Janeiro: EdFGV 2004.

WEFFORT, Francisco. 2. ed. *O Populismo na Política Brasileira*. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

Artigos na imprensa

Blairo Maggi diz que interior exige aplicação justa do Fethab. *Jornal O Documento* de 26/07/2002. Disponível em <<http://www.odocumento.com.br/materia.php?id=27060>>. Acessado em 16/05/2013.

ARAÚJO, Vinicius de Carvalho. “Desconstituição” do campo político cuiabano – Parte VI. Artigo publicado no *site RD News* em 09/07/2012. Disponível em <http://www.rdnews.com.br/blog/post/desconstituicao-do-campo-politico-cuiabano-parte-vi>. Acesso em 16/05/2013.

ARAÚJO, Vinicius de Carvalho. “Desconstituição” do campo político cuiabano – Parte IV. Artigo publicado no *site RD News* em 18/06/2012. Disponível em <http://www.rdnews.com.br/blog/post/desconstituicao-do-campo-politico-cuiabano-parte-iv>. Acesso em 16/05/2013.

Webgrafia

www.ipeadata.gov.br.

www.tse.gov.br.

<http://jaironicolau.iuperj.br>

Fontes documentais

GABINETE DE PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO. Retrospectiva das eleições em Mato Grosso: de 1945 a 1985. Cuiabá: Fundação Cândido Rondon, 1988.

Teses e dissertações

ARAÚJO, Vinicius de Carvalho. *Paz sob fogo cerrado: três gerações na política de Mato Grosso*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2007.

Depoimentos

FIGUEIRÓ, Ruben Figueiró. Entrevista oferecida ao autor. Campo Grande, 29/09/2006.